

Percepções de umbandistas sobre resultados das Cirurgias espirituais na Umbanda à luz do Cosmograma *Bakongo* e suas contribuições para a qualidade de vida dos pacientes

Perceptions of Umbanda practitioners about the results of spiritual surgeries in Umbanda in the light of the Bakongo Cosmogram and its contributions to the quality of life of patients

*Juliana de Lima Brandão*¹

*Antonio Marcos Tosoli Gomes*²

*Thémistoklis Apostolidis*³

RESUMO

As cirurgias espirituais na Umbanda são exemplos de inclusão da espiritualidade e da religiosidade, através da religião, nos cuidados em saúde. O objetivo do estudo é analisar os resultados das cirurgias espirituais na Umbanda, com vistas a compreender suas bases teológicas de explicação e possibilidades de influência na qualidade de vida dos pacientes. A pesquisa é descritiva-exploratória, qualitativa, realizada com 30 médiuns umbandistas do ritual bantu-ameríndio por entrevistas, com dados analisados pelo *software* Iramuteq pela análise lexical. Houve maior participação de mulheres, brancas, na média dos 46 anos, com prática religiosa há aproximadamente 14 anos. Observou-se como foco principal a cura de doenças, sem garantias de que será alcançada, em virtude dos fatores que justificam o adoecimento. Assim, salientam-se as crenças no *karma* e na reencarnação que, juntos da fé e do merecimento, corroboram os resultados dessa terapêutica. Os dados foram discutidos segundo o Cosmograma Bakongo difundido por Bunseki Fuki-au.

¹ Enfermeira. Mestre e doutoranda pela Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Enfermeira. Rio de Janeiro, RJ. Bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).

² Enfermeiro. Doutor em Enfermagem pela Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Rio de Janeiro, RJ. Professor Titular do Departamento de Enfermagem Médico-Cirúrgica e do Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ.

³ Psicólogo. HDR Social Psychology, University of Provence, França. Professor (Full) at Aix-Marseille Université, Marseille, França.

PALAVRAS-CHAVE

Espiritualidade; Religião; Umbanda; Cirurgias Espirituais; Saúde.

ABSTRACT

Spiritual surgeries in Umbanda are examples of the inclusion of spirituality and religiosity, through religion, in health care. The objective of the study is to analyze the results of spiritual surgeries in Umbanda, with a view to understanding their theological bases of explanation and possibilities of influencing the quality of life of patients. The research is descriptive-exploratory, qualitative, carried out with 30 Umbanda mediums of the Bantu-Amerindian ritual through interviews, with data analyzed by the Iramuteq software through lexical analysis. There was a greater participation of white women, on average 46 years old, who had been religious for approximately 14 years. The main focus was on curing diseases, with no guarantee that this will be achieved, due to the factors that justify the illness. Thus, beliefs in karma and reincarnation stand out, which, together with faith and merit, corroborate the results of this therapy. The data was discussed according to the Bakongo Cosmogram disseminated by Bunseki Fuki-au.

KEYWORDS

Spirituality; Religion; Umbanda; Spiritual Surgeries; Health.

Introdução

O conceito de saúde, formulado pela Organização Mundial de Saúde (OMS), é apresentado como “um estado dinâmico completo de bem-estar físico, mental, espiritual e social e não meramente a ausência de doença”⁴. Esta ampliação ao conceito de saúde comunga com a concepção de qualidade de vida, por abarcar, principalmente, a subjetividade do ser humano. E é adotando a subjetividade enquanto uma de suas premissas que a religiosidade e a espiritualidade (E/R) são inseridas no processo, razão pela qual os profissionais da saúde precisam aprender a trabalhar com questões advindas destas dimensões para fornecer um cuidado adequado.⁵

Para tanto, cumpre incluir aos cuidados em saúde, a espiritualidade, concebida pela crença e pela fé que, por meio da transcendência, permitem ao ser humano acreditar em algo superior, o que pode ocorrer através da religião e da religiosidade.⁶ Neste movimento, encontramos numa interface entre saúde e religião, a qual pode ser compreendida através dos terreiros de Umbanda e seus tratamentos religiosos, uma vez que, por isto mesmo, são reconhecidos como espaços de saúde.⁷ A espiritualidade se lança à religiosidade

⁴ WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Department of Mental Health. *WHOQOL and Spirituality, Religiousness and Personal Beliefs (SRPB)*. Report on WHO Consultation, 1998. p. 2-23. Disponível em: https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/70897/WHO_MSA_MHP_98.2_eng.pdf?sequence=1&isAllowed=y

⁵ MELO, Cynthia de Freitas *et al.* “Correlação entre religiosidade, espiritualidade e qualidade de vida: uma revisão de literatura”. *Estudos e Pesquisas em Psicologia* (Rio de Janeiro), v. 15, p. 447-464, 2015.

⁶ SILVA, Maria Lúcia Miranda *et al.* Análise e validação do conceito de espiritualidade e sua aplicabilidade no cuidado em saúde. *Ciencia y Enfermería* (Concepción), v 27, p. 1-13, 2021.

⁷ GOMES, Antonio Marcos Tosoli. The Umbanda Terreiro As A Care Space: Some Reflections. *Revista Baiana de Enfermagem* (Salvador), v. 35, 2021a, e45202.

vivenciada e, por sua vez, a religiosidade preserva, em sua essência, uma das facetas da dimensão espiritual.⁸

Sendo assim, a atuação dos terreiros de Umbanda, apesar de não se restringir apenas a cuidados em saúde, tem neles o seu foco, uma vez que pessoas de diversas crenças os procuram por inúmeros motivos, mas principalmente, por questões de saúde. A partir daí, o acolhimento é iniciado, especialmente, através da consulta com uma entidade, popularmente conhecida como Preto-Velho (a).⁹ A relação da Umbanda com suas entidades e, principalmente com os (as) Pretos-Velhos (as), está entrelaçada com a própria constituição histórica, étnica, cultural, social e religiosa do Brasil, herdada do colonialismo e da escravização de negros africanos, em sua maioria. No imaginário umbandista, a ancestralidade negra africana é preservada através dessas entidades.¹⁰ O destaque para essas entidades como responsáveis pelo acolhimento inicial e consulta se dá por suas principais características, onde, por meio de uma conversa, conseguem fazer com que seus consulentes se sintam cuidados e aliviados, com aconselhamentos, escuta e atenção.¹¹ Durante esta consulta, o (a) Preto-Velho (a) ouve as demandas do consulente e indica os tratamentos e as práticas que melhor lhe atenderão e, dentro das possibilidades, estão as cirurgias espirituais realizadas em alguns destes terreiros.¹²

Logo, em razão destas práticas, de sua popularização no Brasil e das inúmeras evidências a respeito do impacto da E/R na saúde, o objetivo do estudo é analisar os resultados das cirurgias espirituais na Umbanda, com vistas a compreender suas bases teológicas de explicação e possibilidades de influência na qualidade de vida dos pacientes. Para atingir esse objetivo, os discursos dos participantes foram analisados, à luz das contribuições de Bunseki Fuki-au com sua obra *African Cosmology of the Bantu-Kongo: Principles of Life and Living*¹³, permitindo a interpretação das principais teorias explicativas sobre os resultados alcançados pelas cirurgias espirituais a partir do Cosmograma Bakongo.

Espiritualidade, religiosidade e religião no contexto da saúde e da qualidade de vida

Os estudos sobre espiritualidade, religiosidade e religião envolvem um movimento crescente de valorização da dimensão espiritual da vida. Trata-se de iniciativas transdisciplinares em múltiplas áreas do conhecimento, mas que, contudo, exprimem seus principais reflexos na saúde, direta ou indiretamente, fato que lhe confere maior relevância.

⁸ GOMES, Antonio Marcos Tosoli *et al.* Espiritualidade e religiosidade para mulheres umbandistas e candomblecistas: representação social e implicações na saúde. *Ciência e Saúde Coletiva* (Rio de Janeiro), 2023.

⁹ SILVA, Luciana Macedo Ferreira; SCORSOLINI-COMIN, Fabio. A umbanda e os processos de saúde-doença. *Semina: Ciências Sociais e Humanas* (Londrina), v. 41, p. 215-228, 2020.

¹⁰ BRANDÃO, Juliana de Lima *et al.* A cultura do cuidado em saúde na Umbanda: reflexões baseadas nas Epistemologias do Sul. *Fragments de Cultura* (Goiânia), v. 32, n. 4, p. 631-644, 2022.

¹¹ REZENDE, Livia Lima. Enxergando os mortos com os ouvidos: a reelaboração da memória da escravidão por meio da figura umbandista dos pretos-velhos. *Afro-Ásia* (Salvador), n. 57, p. 55-80, 2018.

¹² BRANDÃO, Juliana de Lima. A representação social das cirurgias espirituais na Umbanda para médiuns umbandistas do ritual bantu-ameríndio. 227f. [dissertação de mestrado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro], 2021.

¹³ FU-KIAU, Kimbwandende Kia Bunseki. *African Cosmology of the Bantu-Kongo: Principles of Life and Living*. 2. ed. Nova Iorque: Athelia Henrietta Press Publishing, 2001.

A espiritualidade tem, em sua característica, a subjetividade, o caráter individual e a sua ligação com o transcendente.¹⁴ Conecta-se com o sagrado e se vincula ao sobrenatural, místico e ao âmbito religioso, independentemente de sua organização.¹⁵ Apesar de ser uma atitude pessoal que busca dar sentido à existência, a espiritualidade pode, ou não, conduzir a práticas de cunho religioso.¹⁶ Logo, “a espiritualidade constitui uma dimensão humana e reflete o cuidado que se tem com a vida, expressa a forma como as pessoas se inter-relacionam e interagem em relação às circunstâncias e eventos que a envolvem”¹⁷.

A religiosidade é inerente às experiências das pessoas com as suas religiões.¹⁸ Embora induza à busca por respostas, assim como a espiritualidade, a religiosidade se assenta em crenças que envolvem o transcendente, o qual pode ser identificado por Deus, Criador, Sagrado e outros, conforme a cultura e as questões subjetivas e intersubjetivas relativas ao contexto vivido.¹⁹ Apesar da relação entre ambas as dimensões, a espiritualidade tem maior amplitude e é, ao mesmo tempo, praticada pela religião.²⁰

A religião tem seu foco prático, é balizada por crenças e dogmas, e conta com um líder.²¹ Além disso, pelo fato de consolidar-se por crenças próprias que dirigem as práticas e os comportamentos do grupo que a professa com responsabilidade, suas vivências se dão, também, através de símbolos, rituais e cerimônias inclinadas ao transcendente e focadas em Deus/poder superior. Com isso, a religiosidade também pode se dar por meio da religião, quando as respostas são organizadas no coletivo e baseadas em dogmas e doutrinas, através de instituições que padronizam a manifestação das crenças referentes ao transcendente, a depender da cultura e do tempo em que se expressam. Assim, os impactos da E/R nas práticas e nos comportamentos das pessoas estão relacionados às suas crenças, incluindo a saúde e a consolidação de uma rede de apoio.²²

Ao investigar a correlação entre E/R e qualidade de vida, por exemplo, observa-se uma correlação positiva, sendo a E/R foco de estratégias de enfrentamento de doenças e transtornos mentais, luto, entre outros, ou seja, figura como suporte para o *coping*²³, dispositivo de defesa, conforto, resignação, bem-estar e apoio social. A espiritualidade tem potencial para

¹⁴ KOENIG, Harold George; McCULLOUGH, Michael E.; LARSON, David B. *Handbook of religion and health*. New York: Oxford University Press, 2001.

¹⁵ KOENIG, Harold George. *Medicina, religião e saúde: o encontro da ciência e da espiritualidade*. Porto Alegre: L&PM, 2012.

¹⁶ ESPINHA, Daniele Corcirole Mendes *et al.* Opinião dos estudantes de enfermagem sobre saúde, espiritualidade e religiosidade. *Revista Gaúcha de Enfermagem* (Porto Alegre), v. 34, p. 98-106, 2013.

¹⁷ SILVA, Maria Lúcia Miranda *et al.*, 2021, p. 1.

¹⁸ KOENIG; McCULLOUGH; LARSON, 2001.

¹⁹ NWORA, Emmanuel Ifeka; FREITAS, Marta Helena de. Relações entre religiosidade e saúde mental na concepção de capelães. *REVER* (São Paulo), v. 20, p. 199-217, 2020.

²⁰ GOMES, Antonio Marcos Tosoli. From spirituality to spiritual care through religion and religiosity: Concepts and challenges for nurses and health professionals. *Journal of Multiprofessional Health Research* (Salvador), v. 2, 2021b, 02.98-e02.101.

²¹ KOENIG; McCULLOUGH; LARSON, 2001.

²² KOENIG; McCULLOUGH; LARSON, 2001.

²³ O *coping* é uma tentativa de administrar as demandas advindas dos momentos de estresse, internas ou externas, onde a pessoa mobiliza mecanismos comportamentais e cognitivos. LAZARUS, Richard. S.; FOLKMAN, Susan. *Stress, appraisal and coping*. New York: Springer, 1984. p. 118. Partindo dessa concepção, Kenneth Pargament incorporou a dimensão religiosa/espiritual e/ou a fé para o enfrentamento do estresse durante as circunstâncias de crise, elaborando o conceito de *coping* religioso/espiritual (CRE). PARGAMENT, Kenneth. I. *The psychology of religion and coping: theory, research, practice*. New York: Guilford Press, 1997.

ressignificar experiências de vida e desafios diários, além de ampliar a compreensão sobre as questões de cunho existencial, inclusive para os não adeptos de religiões. A religiosidade pode, ou não, contribuir para a saúde e a qualidade de vida dos indivíduos, dependendo de aspectos multidimensionais, conhecidos ou desconhecidos, como os socioculturais, da personalidade, de subjetividade e da saúde de quem a pratica. Já a espiritualidade, de acordo com a forma como a pessoa a vivencia, pode promover felicidade e serenidade.²⁴

Umbanda e práticas religiosas de saúde

A Umbanda é uma religião que, por sua origem e fundação, levanta questões delicadas, em razão de sua consolidação mediante aspectos históricos, sociais e culturais, no seio das transformações ocorridas entre os séculos XIX e XX. À Umbanda estão relacionados marcos históricos importantes, dentre eles, a abolição da escravatura, o processo de urbanização e a Proclamação da República.²⁵ No entanto, além desses marcos e antes mesmo do período acima mencionado, diversas narrativas disseminaram informações a respeito de espíritos da Umbanda que contribuem para perspectivas outras de origem e fundação, as quais devido a sua pluralidade, são mais ou menos convergentes.²⁶

A despeito de sua origem, seus adeptos a consideram uma religião genuinamente brasileira por ter sido conformada em conjunto com a própria nação, o que culminou em uma de suas características mais conhecidas, o sincretismo trazido pelos cultos africanos (matriz negra), indígena e cristãos (europeia).²⁷

Para tanto, trata-se de uma religião com heranças afrodiáspóricas, tendo como principais características: sincretismo religioso; influência de identidades espiritualista e cristã; não praticar o proselitismo; sacralizar a natureza; compartilhar saberes por oralidade; sofrer os impactos do racismo religioso; e ter sua origem atribuída a narrativas míticas, históricas e institucionais.²⁸ Para explicar este conjunto, é preciso retomar ao período de colonização do Brasil e assumir que as religiões afro-brasileiras se organizaram a partir das consequências do tráfico de negros africanos escravizados, pois junto deles, vieram costumes, crenças e a solidariedade para enfrentarem coletivamente, a perda da liberdade. Ademais, salienta-se que os negros bantos vieram em maior quantidade, de Congo, Moçambique e Angola, durante os séculos XVI ao XIX, com seus cultos e práticas que foram se fundindo com o tempo, até culminarem nas macumbas cariocas e, posteriormente, conformarem a religião Umbanda²⁹, portanto sendo esse um dos mitos de origem da religião.

²⁴ MELO, Cynthia de Freitas *et al.* 2015.

²⁵ ORTIZ, Renato. *A morte branca do feiticeiro negro: umbanda e sociedade brasileira*. 2. ed. Brasiliense, 1999.

²⁶ NEGRÃO, Lísias Nogueira. *Entre a cruz e a encruzilhada: formação do campo umbandista em São Paulo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

²⁷ NEGRÃO, Lísias Nogueira, 1996.

²⁸ KAITEL, Alexandre Frank Silva; SILVEIRA, Luiz Henrique Lemos. The Development of Mediunity in Umbanda: a junguian comprehension. *Estudos de Religião* (São Bernardo do Campo), v. 35, p. 89-108, 2021.

²⁹ BARROS, Sullivan Charles. Religiosidade e resistência no Brasil: do encontro das religiões africanas à formação da Umbanda. In: SANTANDER, C. U.; ÁVILA, C. D.; DUARTE, A. G. (Orgs.). *Estudos sobre Direitos Humanos, Sociedade e Democracia*. São Paulo: UNIEURO, 2008.

Desta forma, acredita-se que estas práticas, as macumbas cariocas, se formaram através de outras, como as Bantu-Angolesas (Cabula, Calundu e Candomblés de Caboclo), concentradas nas regiões sudeste e nordeste do Brasil.³⁰ No entanto, enquanto Umbanda, sua formação data da década de 30, acompanhando as transformações sociais no Brasil, que resultaram na sua organização, pautada, principalmente, nos processos conhecidos como “empretecimento” e “embranquecimento” das tradições e cultos afro-brasileiros.^{31, 32}

O empretecimento se deu em função dos brancos terem procurado as tradições afro-brasileiras e o embranquecimento foi o esforço de apartar a Umbanda de qualquer contribuição africana negra, que antes conformaram as macumbas cariocas. Assim, algumas lideranças umbandistas se aproximaram do espiritismo kardecista para legitimar suas práticas.³³ Soma-se a isso, que àquela época, era necessário que o negro evoluísse para acompanhar a estrutura social e, para isso, deveria incorporar os valores da branquitude e rejeitar sua origem afro-brasileira.³⁴

Após breve contextualização histórica, é importante mencionar que a Umbanda é um termo originado dos dialetos *quimbundo* e *umbundo*, significando “[...] arte do curandeiro, magia, ciência médica, medicina”³⁵. Já a *macumba*, composta por um prefixo (ma), o qual é responsável por pluralizar palavras em dialeto *quicongo*, mais o substantivo *kumba*, significa feiticeiro.^{36,37} Dentre todas as possibilidades, a macumba poderia então, ser entendida como a “[...] reunião de feiticeiros [...], tanto pelo feitiço, que é pensado como o encantamento pela palavra, como pela necessidade de ser um trabalho plural. Macumba seria, então, um trabalho da, pela e na palavra que se faz coletivamente”³⁸.

A cirurgia espiritual, adotada como um exemplo de prática de saúde na umbanda, embora não seja observada em todos os terreiros, é referenciada em boa parte dos praticantes do ritual bantu-ameríndio. Trata-se de uma possibilidade de cuidado em saúde, através da religião, conhecida pelos umbandistas como tratamento ou trabalho espiritual, e que depende da fé dos envolvidos no processo. No momento da cirurgia, acredita-se que energias atuam por meio das entidades e dos médiuns, frente à incorporação, dirigindo-se aos pacientes, com o objetivo principal de levá-lo à cura, ou caso esta não seja possível, que se promova a recuperação da saúde, qualidade de vida e fortificação da fé do paciente. A racionalização para explicar seus resultados giram em torno das crenças que, ao mesmo tempo que reconhecem suas possibilidades de não atingir o objeto principal (a cura), reforçam seus benefícios, *a priori* e *a posteriori*.³⁹

Outras terapêuticas realizadas na Umbanda e que impactam em dimensões biopsicossociais são a consulta com as entidades (com orientações, aconselhamento e, até mesmo, indicação

³⁰ RAMOS, Arthur. *O negro brasileiro: ethnographia religiosa e psycanalyse*. Rio de Janeiro: Imprensa Paulista, 1934.

³¹ BASTIDE, Roger. *As Religiões Africanas No Brasil*. Contribuição a uma Sociologia das interpenetrações de civilizações. 3.ed. São Paulo: Pioneira, 1989.

³² ORTIZ, 1999.

³³ ORTIZ, 1999.

³⁴ BASTIDE, 1989.

³⁵ LOPES, Nei. *Novo dicionário banto do Brasil: contendo mais de 250 propostas etimológicas acolhidas pelo Dicionário Houaiss*. Rio de Janeiro: Palas, 2003. p. 70.

³⁶ LOPES, 2003.

³⁷ SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. *Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas*. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

³⁸ HADDOCK LOBO, Rafael. Aprendiz de feiticeiro. *Abatirá – Revista de Ciências Humanas e Linguagens* (Eunápolis), v. 2, p. 4-18, 2021. p. 5.

³⁹ BRANDÃO, 2021.

de outras terapêuticas); a oferenda (conexão entre o sagrado, a natureza e a comunidade, com vistas à renovação das energias e limpeza de forças negativas); a desobsessão (retirar uma influência negativa – obsessão – de uma pessoa/sua libertação); o *reiki* (imposição de mãos para canalização de energia vital); a apometria (para cura e despertar da consciência em multiníveis); passes com entidades (para limpeza e reenergização)⁴⁰; uso de ervas para banhos, defumações, amacis, sacudimentos e limpeza de casa (para afastar maus espíritos).⁴¹

Método

O presente estudo é do tipo descritivo e exploratório, segundo a abordagem qualitativa.

Como cenários de estudo, foram selecionados terreiros de Umbanda que praticam as cirurgias espirituais como forma de cuidado em saúde disponibilizado às pessoas que recorrem a estes espaços para atender, principalmente, a estas demandas. Sendo assim, três terreiros foram incluídos na pesquisa e localizam-se no sudeste do Brasil, nos estados do Rio de Janeiro (cidades Magé e Teresópolis); e Minas Gerais (cidade Além Paraíba). Os critérios de inclusão para os terreiros foram: religião Umbanda, ritual Bantu-Ameríndio; praticar as cirurgias espirituais; funcionamento há, pelo menos, um ano. O critério de exclusão adotado se referia aos terreiros que adotassem uma identidade religiosa mista, por exemplo, terreiros de umbanda e candomblé simultaneamente.

Os participantes eram médiuns nos terreiros selecionados e foram captados seguindo os princípios da técnica *Snowball*, como forma de acesso a amostras por conveniência. Esses médiuns são as pessoas que integram o corpo mediúnico desses terreiros. Atuam diretamente nas cirurgias espirituais com suas entidades através da incorporação ou prestando a assistência necessária durante todo o processo. Assim, foram incluídos 30 participantes, sendo 10 de cada terreiro. Os critérios de inclusão foram: se autodeclarar médium umbandista no ritual Bantu-Ameríndio; ter sua indicação pelo dirigente do terreiro; ter 18 anos ou mais à época da coleta; frequentar o terreiro por, ao menos, seis meses; além de assegurar que participou de, pelo menos, uma cirurgia espiritual no terreiro que é filiado. O único critério de exclusão adotado estava relacionado aos casos em que o médium havia se desligado do terreiro enquanto a coleta ainda estava em curso. No entanto, não houve perdas em função deste critério.

O questionário de coleta de dados utilizado era composto por perguntas abertas e fechadas relativas à sexo, idade, raça/cor autodeclarada e tempo de prática na Umbanda para caracterização sociodemográfica, seguidas de um roteiro semiestruturado para entrevistas em profundidade. A pergunta principal das entrevistas era: Com relação aos resultados obtidos e esperados das cirurgias espirituais na Umbanda (favoráveis ou desfavoráveis), há alguma explicação para eles baseada nos conhecimentos e nas vivências da religião?

⁴⁰ MACHADO, Sandra Maria Chaves. *Umbanda: ritos e saúde*. In: Anais do X Congresso Internacional em Ciências da Religião: Religião, Espiritualidade e Saúde: os sentidos do viver e do morrer. Pontifício Universidade Católica de Goiás, Goiânia, GO, 21 a 23 de outubro de 2020, p. 223-229.

⁴¹ GOMES, Heloisa Helena Sucupira; DANTAS, Ivan Coelho; CATÃO, Maria Helena Chaves de Vasconcelos. Plantas medicinais: sua utilização nos terreiros de umbanda e candomblé na zona leste de cidade de Campina Grande-PB. *Biofar – Revista de Biologia e Farmácia* (Paraíba), v. 3, p. 110-129, 2008.

A coleta se deu de agosto a setembro de 2020, de modo virtual, em função do distanciamento social para enfrentamento da pandemia da Covid-19, sendo utilizado o *software Zoom®*. Os dados resultantes da breve caracterização tiveram o auxílio do *Microsoft Excel for Windows 365* para sua organização e posterior análise por estatística descritiva. Do mesmo modo, o conteúdo das entrevistas foi transcrito no *Microsoft Word for Windows 365*, para sua formatação final em forma de *corpus* submetido ao *Software Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires (Iramuteq)* para análise lexical.

O *Iramuteq* ancora-se no *software R* e, através de processamento estatístico, analisa conteúdos textuais segundo a lexicometria, aproximando as análises lexicais e de conteúdo. Sua utilização pode se dar de várias formas, com destaque para o método *Reinert* ou Classificação Hierárquica Descendente (CHD)⁴², usado no presente estudo.

Encerrando este capítulo de método, é importante declarar que o estudo está inserido em um projeto matriz intitulado “Religiosidade e Espiritualidade em tempos de Covid-19: as implicações para a prevenção da infecção e o cuidado em saúde”, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro sob o nº de Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) 31050020.0.0000.5282 e Parecer nº 5.341.375, por tratar-se de pesquisa com seres humanos. Deste modo, cumpriu todas as normas éticas, tendo aplicado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e gravado o consentimento verbal dos participantes. Cumpre salientar que os áudios não são divulgados, tampouco o vídeo é utilizado, somente a transcrição do discurso. Sigilo, anonimato, caráter de voluntariado e todas as questões éticas em pesquisa foram asseguradas.

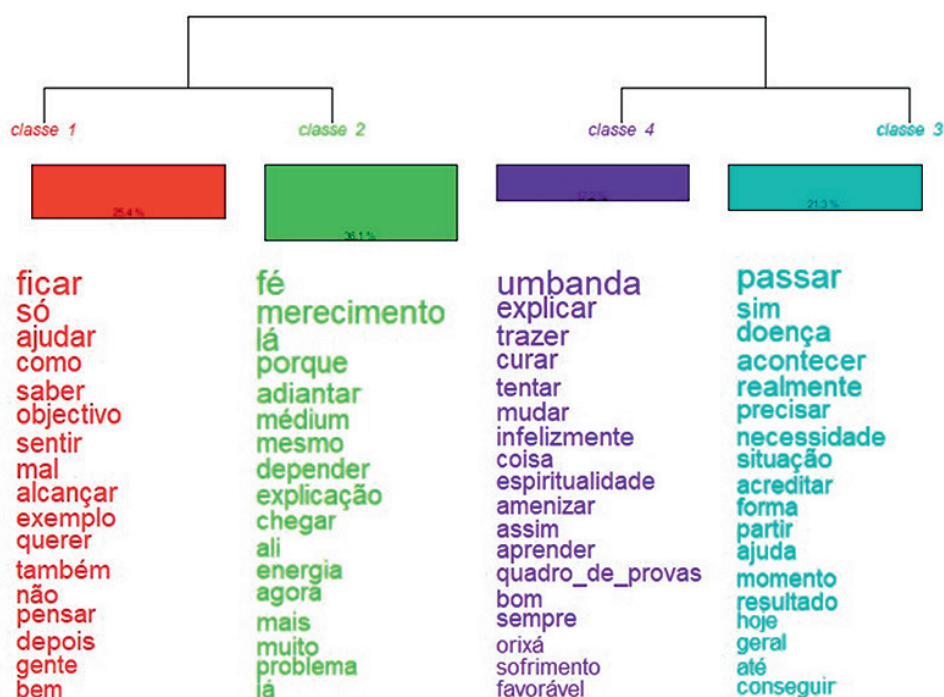
Resultados

Os participantes eram 80% mulheres (24), com média de idade de 46 anos, 73,33% auto-declaradas brancas (22), e que praticam a Umbanda há, mais ou menos, 14 anos.

Seguindo à análise lexical, o *Iramuteq* demonstrou um aproveitamento de 81,33% do *corpus*, identificando 122 UCE e clivando-o em dois eixo-blocos e quatro classes, segundo o dendrograma trazido pela Figura 1.

⁴² SOUSA, Yuri Sá Oliveira. The use of the Iramuteq software: fundamentals of lexicometry for qualitative research. *Estudos e Pesquisas em Psicologia* (Rio de Janeiro), v. 21, p. 1541-1560, 2021.

Figura 1. Dendrograma conforme a Classificação Hierárquica Descendente, apresentando os conteúdos semânticos. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, 2023.



Fonte: extraído do *Software Iramuteq*, 2023.

Ao acessar as falas incluídas em cada classe pelo *software*, foram observados os temas retratados e, a partir daí, a renomeação das classes para análise subsequente. Logo, o resultado foi o seguinte:

Eixo-bloco 1 – A crença no *karma*, no resgate espiritual e na reencarnação: responsabilização ética e estética *ad aeternum* e o papel da fé e do merecimento para a cura.

Classe 1 – Cirurgia espiritual como caminho para a cura, mas não como único resultado: reconhecendo limites na atuação mediúnica.

Esta classe é composta por 25,41% do corpus total, sendo 31 de 122 UCE e reúne os principais elementos: ficar (x^2 25,13); só (x^2 20,3); e ajudar (x^2 17,41). Algumas de suas falas seguem abaixo:

[...] e falei: está vendo isso? Você teve fé e isso aí te ajudou. E ela ficou super bem depois, super bem. A gente vê isso, a fé, com o médium, o consulente e a entidade. Participante 25, sexo feminino, x^2 66,95.

Existe não só a questão prática nossa, como também a questão de resgate dela, que ela precisa. A questão da reencarnação, que isso daí, quando a gente vem, a gente já vem com propósito, a gente já tem uma direção. Participante 08, sexo feminino, x^2 51,38.

Enfim, de repente um *karma* que ela adquiriu na outra vida, ou mesmo nessa vida [...]. Participante 07, sexo feminino, x^2 43,04.

[...] quando ela foi fazer a outra cirurgia material, o médico da terra depois falou para ela que não sabia o que ela fez, que o tumor estava solto [...]. Participante 10, sexo feminino, x^2 28,30.

Classe 2 – Fé e merecimento segundo a lógica social e religiosa: *karma*, condutas e comportamentos em destaque.

A segunda classe representa 36.07% do *corpus* e tem 44 de 122 UCE, sendo a maior classe da análise. Seus principais elementos foram: fé (x^2 20.46); merecimento (x^2 17.71); e lá (x^2 15.77), e estão expressos em alguns trechos discursivos, a seguir:

Explicação de que umas tem e outras não, eu acho que é do merecimento da pessoa. E, é claro, também da fé que você vai, porque não adianta você ir a uma casa de umbanda fazer uma cirurgia, desacreditada. Participante 30, sexo masculino, x^2 72.17.

A gente está ali para fazer um procedimento, mas vai depender também da pessoa, vai depender do merecimento, vai depender se a pessoa vai melhorar o comportamento, o que a pessoa vai fazer também para que tudo aquilo que foi feito tenha efeito. Participante 02, sexo feminino, x^2 31.23.

Mas muitas das vezes o problema está nessa vida mesmo. A pessoa, às vezes, fuma demais, pega um enfisema, exagera na bebida, pega uma cirrose, e acha que foi da outra vida que ela comprometeu o corpo físico dela. Participante 07, sexo feminino, x^2 15.36.

Se tiver, digamos assim, na bagagem espiritual daquela pessoa, no quadro de provas dela, [...] que ela veio com aquele *karma*. Participante 09, sexo feminino, x^2 12.52.

Nós tivemos um outro caso também, de um marido de uma médium do terreiro, que também recebeu todos os tratamentos e o vovô disse para ele que a única coisa que podia fazer era minorar a dor dele. Participante 11, sexo masculino, x^2 11.29.

Eixo-bloco 2 – Ainda que não haja a cura, o amparo é o caminho para a aceitação: teorias sobre a possibilidade de falência terapêutica das cirurgias espirituais.

Classe 4 – Se tiver que passar por isso, vai passar, portanto todas as ajudas são bem-vindas: auxílio, amparo e amenização do sofrimento gerado pela doença.

Esta é a menor classe da análise e possui 17.21% do *corpus* total, 21 de 122 UCE, sendo os principais elementos: umbanda (x^2 35.72); explicar (x^2 24.45); e curar (x^2 14.42), presentes nas falas abaixo.

Se tem que passar por aquilo, a pessoa vai passar, e não, a cirurgia espiritual não vai curar, pode até amenizar, mas trazer a cura que a pessoa está esperando, infelizmente não vai. Participante 07, sexo feminino, x^2 55.60.

Bom, tem casos que a gente sabe que não vai trazer a cura, então é aquilo que a gente tenta, que a pessoa pelo menos tenha um amparo [...]. Participante 10, sexo feminino, x^2 39.96.

Você trabalha o espiritual para conseguir atingir a parte física, mas também não esquece do tratamento convencional. É uma coisa ligada a outra. Participante 17, sexo feminino, x^2 35.72.

O interesse da espiritualidade jamais será de ir na contramão da vontade do criador. Então, se a pessoa tem uma doença kármica, a gente sabe que a gente não tem o poder de curar. Participante 19, sexo masculino, x^2 21.12.

Classe 3 – Ressignificação do “fracasso” sobre os resultados da cirurgia espiritual pautados no *karma* e no merecimento: nada acontece por acaso, tudo acontece por “providência divina”.

A última classe da análise foi composta por 21.31% do *corpus*, 26 de 122 UCE, principais elementos: passar (x^2 39.35); sim (x^2 19.25); e doença (x^2 19.25) e conteúdos discursivos que os expressam, a seguir.

[...] quando a gente acha que fez a cirurgia e fracassou, na verdade, ela não fracassou, era para a necessidade da pessoa de, realmente, passar por aquela situação, de repente, ter aquela dificuldade. Participante 07, sexo feminino, x^2 99.45.

[...] assim, de um modo geral, a gente nunca falha, não tem fracasso. A gente pode não entender o que está acontecendo, mas acho que ocorre sempre do jeito que a providência divina precisa que seja conduzido. Participante 07, sexo feminino, x² 74.29.

Eu acho que nada é por acaso. Eu acho que, se uma pessoa desenvolve uma doença ou algo, ela precisava passar por aquilo, outras para sempre, até o seu desencarne. Participante 30, sexo masculino, x² 74.00.

Se a necessidade for passar pela doença, vamos supor um câncer, ela tem que passar pela quimioterapia. Então, a espiritualidade vai trabalhar até onde ela necessita, seja físico, psicológico ou espiritual. Participante 03, sexo feminino, x² 73.25.

Discussão

Pelo perfil dos participantes do estudo, condizente com estudos semelhantes⁴³, percebe-se que não se trata de médiuns iniciantes na religião, nem de adultos jovens, pois a maioria já conta com mais de quatro décadas de vida e quase 15 anos de prática religiosa. Em certo grau, isto pode ser interpretado como maturidade e, sabendo-se que as religiões de matriz africana cultuam a ancestralidade e compartilham seus saberes pela oralidade, é importante destacar a importância de jovens adeptos para que seu sistema de crenças não se perca no tempo. Além disso, duas características importantes são evidenciadas: a participação feminina e a cor da pele branca.

A participação feminina pode estar vinculada à importância da mulher nas religiões de matriz africana.⁴⁴ A cor da pele nos convida a retornar ao passado e lembrar o projeto político a que a Umbanda foi submetida para que fosse reconhecida como religião e cessasse a perseguição aos terreiros e seguidores, em função de sua raiz negra.⁴⁵ Mas também importa reconhecer o quanto o Brasil é um país miscigenado ao olhar para as pessoas brancas e não apagar seus antepassados e ancestrais negros.

Nos convida a voltar ao período da escravidão e reconhecer que este solo se tornou o que é hoje pela mão de obra escravizada negra que, embora não reconhecidos socialmente à época (nem agora), continuarão se fazendo presentes na memória e na maioria dos brasileiros. Este processo pode explicar por que os brancos são a maioria até mesmo na Umbanda, uma religião que, para se defender e resistir, teve que apagar, silenciar e invisibilizar as contribuições negras dos escravizados africanos, além das ameríndias com os povos originários tão maltratados até hoje. Daí a inclusão de terreiros de ritual bantu (África) – Ameríndio (Indígenas) selecionados como fontes de saber para a presente pesquisa.

Quanto às teorias desenvolvidas pelos participantes deste estudo, frutos do processo de racionalização para justificar os resultados das cirurgias espirituais, as quatro classes de discussão giram em torno de crenças em comum: fé, merecimento e reencarnação, atrelada ao *karma*. Assim, torna-se imperioso retornarmos à concepção sincrética da umbanda para problematizarmos tais achados. Então, num movimento de resgate epistemológico, aqui enfatizaremos as contribuições negras acerca do fenômeno estudado.

⁴³ BRANDÃO, 2021.

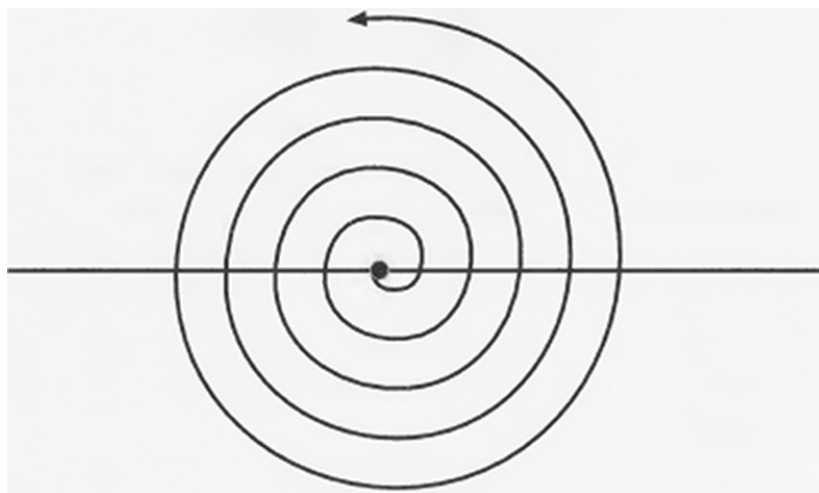
⁴⁴ MEDEIROS, Cristiano Sant' Anna de; SILVA, Isadora Souza da. A matripotência nos terreiros de candomblés pelas mãos das Makotas. *Problemata* (João Pessoa), v. 11, p. 5-19, 2020.

⁴⁵ ORTIZ, 1999.

Esta temática está relacionada diretamente à compreensão de pessoa, vida e adoecimento, em que *mntu* significa a pessoa no mundo, enquanto “força vital realizada, existente, pulsando”⁴⁶. No universo e nos mundos físico e espiritual, a responsabilidade de manutenção da vida é desta força vital, com a qual todos os seres nascem e que representa o “valor supremo da existência”⁴⁷. Começamos a entender o adoecimento, então, como forma de decaimento desta força vital.

A partir daí, entramos no universo teológico bantu, principalmente, por meio dos povos bakongo, onde a vida e a morte (e todos os processos neste “intervalo”) são interpretadas pelo Cosmograma *Dikenga dia Kongo* ou Cosmograma *Bakongo*. O termo *dingo-dingo* ganha sentido frente à temporalidade aberta, espaço de possibilidades e acontecimentos.⁴⁸⁴⁹. “O *dingo-dingo* absorve todos os acontecimentos; o que é, na verdade, está (não no sentido do que se encontra estável, mas o seu revés), segundo princípios *Kongo*. *Dingo-dingo* diz *dingo* duas vezes, sugerindo que os processos repetem-se, não findam, circundam”⁵⁰, conforme Figura 1:

Figura 1. Representação gráfica do processo viver-morrer-viver, segundo o Cosmograma *Dikenga dia Kongo*. Rio de Janeiro (RJ), Brasil, 2023.



Fonte: FUKI-AU, 2001⁵¹

A vida para qualquer ser humano perpassa um *continuum* de transformação, dando voltas incessantes (Figura 1). Portanto, o ser humano passa por um processo contínuo onde vive-morre-vive (*kala-zima-kala*). Renascimento seguido de renascimento, encarnação pós encarnação. O corpo que habita *ku mpemba* precisa transformar-se, pela morte, para renascer enquanto corpo físico num mundo superior (ver Figura 2).

⁴⁶ LOPES, Nei. *Kitábu: o livro do saber e do espírito negro-africanos*. São Paulo: Senac, 2005. p. 23.

⁴⁷ LOPES, 2005, p. 24.

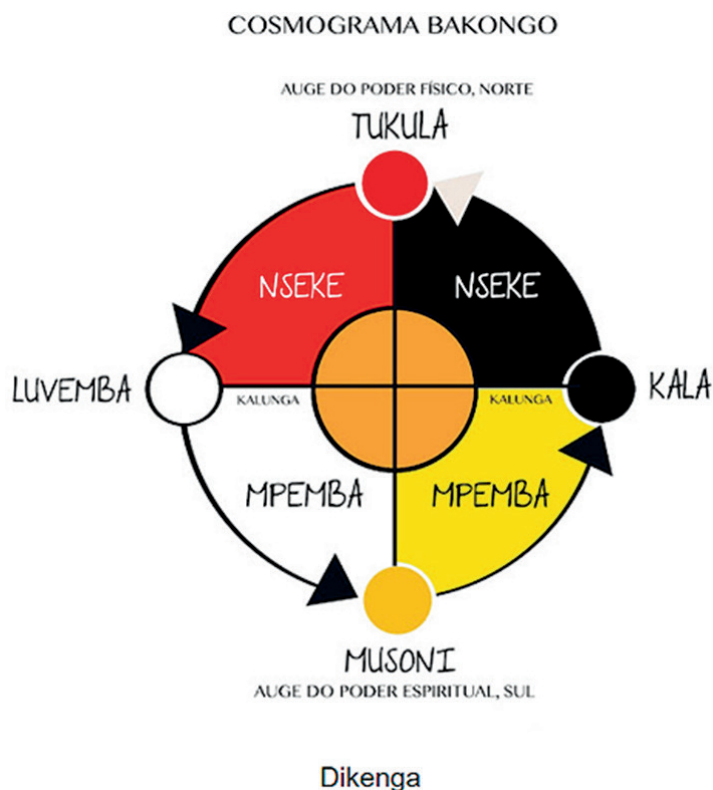
⁴⁸ FU-KIAU, Kimbwandende Kia Bunseki. *African Cosmology of the Bantu-Kongo: Principles of Life and Living*. 2. ed. Nova Iorque: Athelia Henrietta Press Publishing, 2001.

⁴⁹ SANTOS, Tiganá Santana Neves. *A cosmologia africana dos bantu-kongo por Bunseki Fu-Kiau: tradução negra, reflexões e diálogos a partir do Brasil*. 2019. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

⁵⁰ SANTOS, 2019.

⁵¹ FUKI-AU, 2001, p. 35

**Figura 2. Representação gráfica do Cosmograma *Dikenga dia Kongo*.
Rio de Janeiro (RJ), Brasil, 2023.**



Fonte: MAIÊ, 2017.

Este movimento se dá por quatro estágios em que forças vertical e horizontal permanecem em equilíbrio e acompanham o ciclo do sol. Trata-se da divisão horizontal de dois mundos, *ku Nseke* (mundo físico, visível) e *ku Mpemba* (mundo espiritual, dos mortos), separados por *Kalunga* (oceano), em forma de espelhamento e co-pertencimento^{52,53,54}). O estágio inicial é *Musoni* (registrar, ter a memória de), é quando o ser ainda não é vivo/tangível, portanto, encontra-se em *ku Mpemba*; *Kala* (ser) confere corpo, tornando-o visível, já em *ku Nseke*; *Tukula* (crescer/amadurecer, proveniente do verbo *kula*), estágio de maior atividade; e *Luvemba* (desintegrar-se, morrer), estágio onde há a passagem do mundo físico e tangível, para o espiritual e insondável.^{55,56}

Dentro desta mandala, a força horizontal permite entrada e saída dos mundos diurno e noturno e vice-versa, ligando seus membros em comunidade, o que é a religião verdadeira. A força vertical interfere na vida comunitária e em suas relações religiosas com bastante potência. Se as relações na comunidade estiverem frágeis ou rompidas, uma reunião é requerida pela liderança para religar e reequilibrar a comunidade. Após retomadas as relações da comunidade em equilíbrio,

⁵² FUKI-AU, 2001.

⁵³ MACGAFFEY, Wyatt. *Religion and society in Central Africa: the Bakongo of Lower Zaire*. Chicago: University of Chicago Press, 1986.

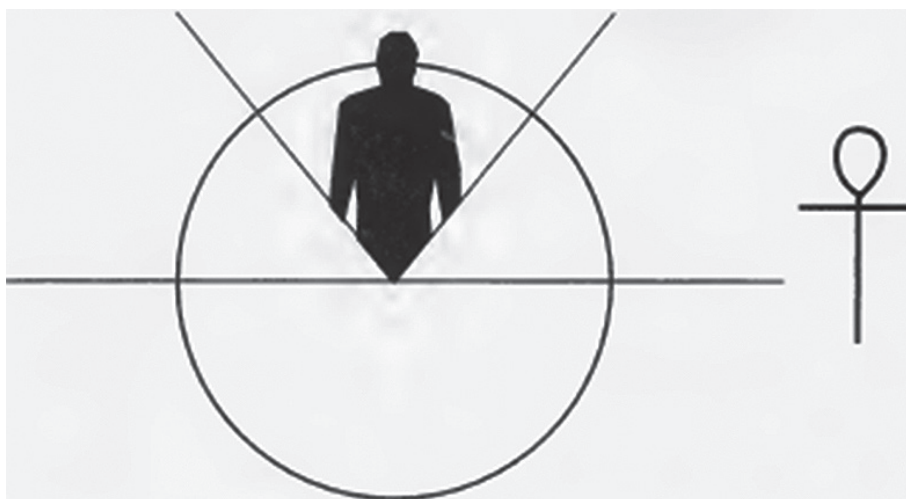
⁵⁴ SANTOS, 2019.

⁵⁵ FUKI-AU, 2001.

⁵⁶ SANTOS, 2019.

estas retornarão ao plano vertical, o qual permanece ligando terra e céu, mundos superior e inferior. Isto permite a comunicação com a *kalunga* (energia completa, superior e viva – *Nzambi*) e com os *Bakulus* (espíritos ancestrais).⁵⁷ Tal perspectiva pode ser aprofundada na Figura 3.

Figura 3. Símbolo egípcio *ankh* semelhante ao símbolo de um mestre/sacerdote/líder (*nganga*) em posição vertical inserida no “V”, em sua vida comunitária. Rio de Janeiro (RJ), Brasil, 2023.



Fonte: FUKI-AU, 2001⁵⁸

É preciso preparar-se para estar pronto a ingressar na zona V da vida, em *Tukula*, pois é preciso amadurecer. Entrar nesta zona significa portar-se verticalmente dentro deste V da vida, assim como um mestre, um *nganga*, que fica entre a terra e o céu, logo, entre os mundos superior e inferior. Ao crescer, o ser humano chega ao nível de seus ancestrais, aqueles que o antecederam em crescimento e ações bem-intencionadas. O desequilíbrio ocorre para aquele que não cresce, que é desprovido de bom senso, desviado, não fazedor de histórias, transformando-o em ancestral mau, ainda vivo, ancestral regressivo, desviante e atrofiado. São aqueles que foram incapazes de viver dentro de sua zona V de maior aspiração (V3), passando por ela em situação de cegueira, como que adormecidos, atrofiados (*Bakulu bakuya*).⁵⁹

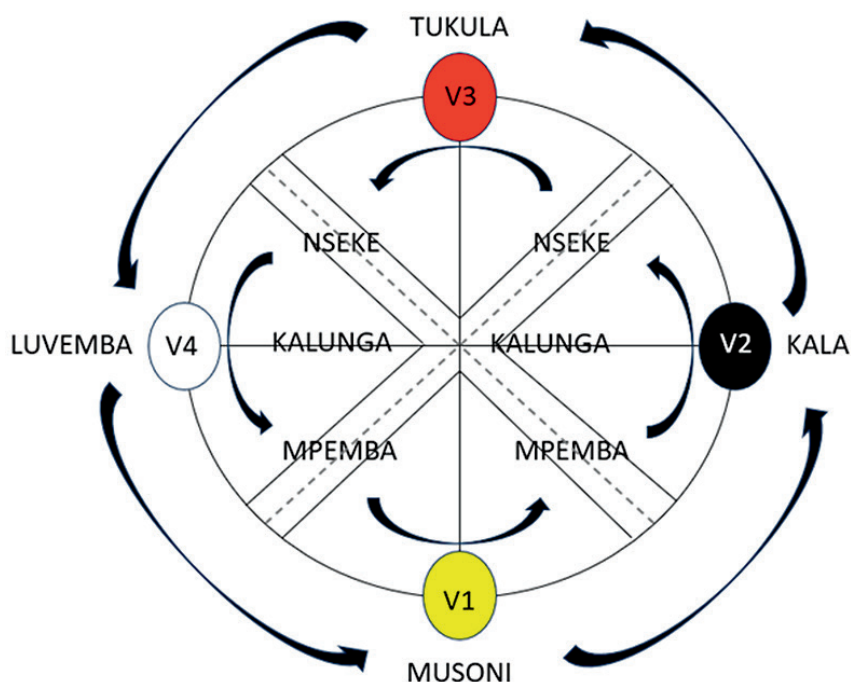
Para aprofundar o estudo, a Figura 4 foi elaborada, adaptando as representações gráficas de Fuki-Au (2001)⁶⁰, no intuito de concentrar em uma única imagem os principais elementos de compreensão do *dingo-dingo*.

⁵⁷ FUKI-AU, 2001.

⁵⁸ FUKI-AU, 2001, p. 28

⁵⁹ FUKI-AU, 2001.

⁶⁰ FUKI-AU, 2001.

Figura 4. Cosmograma *Dikenga dia Kongo* adaptado. Rio de Janeiro (RJ), Brasil, 2023.

Fonte: Adaptado pelos autores, a partir de Fuki-Au (2001)⁶¹

Em V1, chamado de *Vângama*, quando a vida é formada (Musoni), mundo dos ancestrais. Cor amarela. Germinação. Em V2, *Vaika*, ascender, existir. Este V contém a porta para adentrar ao mundo físico (*Kala*). Cor preta. É onde se desenvolve a fala, dar e receber ordens e se vivencia o poder da palavra, a qual pode fazer viver ou matar. Em V3, *Vanga*, fazer, período em que a criatividade chega a seu ápice. Amadurecimento, domínio, período crucial da vida (*Tukula*). Ser mestre, *nganga*. Cor vermelha. Tudo que se faz e pensa no período deste V impacta na vida e na saúde do ser humano. É quando precisa aprender a manter-se na vertical. Em V4, *Vûnda*, maior estado de transformação, a morte. Estágio onde o ser adentra ao mundo espiritual (*Luvemba*), onde ele é enviado à morte. Cor branca (dos ossos).⁶² Estes pontos demarcadores são reconhecidos como os quatro maiores sóis presentes nos estados de mudança. *Musoni* é onde encontra-se o primeiro sol, “ordem de ir”. *Kala* é onde está o sol de todos os nascimentos. *Tukula* traz o sol da maturidade, criatividade e liderança. E *Luvemba*, com o quarto sol, momento de maior e última transformação, a morte.⁶³

Seguindo a compreensão dos V's e movimentos horizontal e vertical, nota-se que é possível ter dois planos para movimentar-se. Horizontalmente, o ser pode ser mover por quatro direções: frente, trás, esquerda e direita, cujo intuito é aprender, coletando informações e arquivá-las no banco da mente. Verticalmente, há mais três direções: para baixo, cima e para dentro. Esta última, de maior importância, permite encaminhá-lo a uma saúde perfeita, à autocura e ao autoconhecimento. O sofrimento maior do *muntu*, segundo o povo bantu, é não saber caminhar rumo a esta direção, a 7ª direção/interior. Mesmo que consiga andar para todas as direções, é

⁶¹ FUKI-AU, 2001.

⁶² FUKI-AU, 2001.

⁶³ FUKI-AU, 2001.

preciso caminhar para dentro. A partir daí, podemos nos tornar seres pensantes verdadeiramente. Aqueles fazedores, mestres, os *ngangas* de nós mesmos.⁶⁴

Contudo, se o núcleo do corpo é destruído, poluído ou corrompido, em qualquer dimensão (biológica, social, etc), ocorre a morte do corpo que lhe envolve e o caminho que conduz à 7ª direção se apaga. Neste processo, o poder de autocura é perdido e há um completo desamparo. Estimular alguém a caminhar nesta direção é ajudá-lo a restaurar suas potências.⁶⁵ Corromper seu núcleo então é o primeiro passo para desencadear o processo de adoecimento.

Quando os participantes do estudo referiram a reencarnação, o *karma* e o merecimento para o alcance da cura pelas cirurgias espirituais na umbanda, em tese, tais crenças comungariam com a doutrina espírita compartilhada pelo Kardecismo e tão difundida como influenciadora da umbanda. No entanto, dentro da teologia bantu-bakongo, este enredo é deslindado e legítima os saberes ancestrais vivenciados na religião, quer seja por herança étnica dos membros da comunidade, quer seja pelos ensinamentos trazidos e traduzidos pelas entidades, como os (as) pretos-velhos (as), direto da África. De uma forma ou de outra, o culto aos ancestrais, o *dingo-dingo* e todos os saberes compartilhados baseados na cosmovisão Bakongo, confrontam a possibilidade da reencarnação, do *karma* e do merecimento serem frutos do espiritismo kardecista enquanto verdades absolutas.

Os V's ensinados pela filosofia Bantu-Kongo mostram como é possível expandir e alargar seu próprio V, através do aprendizado. Mas, do mesmo modo, podemos destruir, estreitar ou encolhê-los se optarmos por abusos, a exemplo do consumo de drogas, comidas em excesso, ignorância, dentre outras escolhas maléficas.

Nesta esteira, sabe-se que o Kongo vivencia em suas crenças, a questão das pessoas e das nações possuírem fitas como rolos de vida, as quais guardam os registros completos de seus atos. Assim, o passado pode vir a ser exposto como um livro aberto e, no dia do julgamento, cada ser terá acesso ao rolo de sua vida, quando o lerá ao universo, o seu verdadeiro juiz.⁶⁶ A partir destas crenças, entende-se a raiz do fundamento elencado pela tríade *karma* – merecimento – reencarnação. Tudo que se faz ou pensa fica gravado e subsidia o quadro de provas futuro do *muntu*, segundo a qualidade em que viveu, principalmente, no estado de *Tukula*. Se aproveitou ao máximo e alcançou o pico de amadurecimento e liderança, como seus ancestrais, logrou êxito em sua existência. Caso contrário, em vida ou em morte, tem o poder de destruir suas próprias potências, a exemplo dos comportamentos danosos, o que acarreta a perda da capacidade de autocura (de caminhar para a 7ª direção), e desenvolver doenças incuráveis, tidas como kármicas.

Para tanto, as cirurgias espirituais na Umbanda fazem parte, para seus fiéis, de um enredo espiritual que, ao mesmo tempo que orienta a sua realização, justifica o não atingimento da cura, sem perder o seu valor, pois ainda assim, figuram como rede de apoio e amparo para amenização do sofrimento causado pela doença. Todo esse contexto pôde ser estudado e discutido conforme as contribuições de Kimbwandende Kia Bunseki Fuki-au com o Cosmograma Bakongo.

⁶⁴ FUKI-AU, 2001.

⁶⁵ FUKI-AU, 2001.

⁶⁶ FUKI-AU, 2001.

Conclusão

A Umbanda, apesar das controvérsias sobre sua origem e formação, demonstra por inúmeras razões que é uma religião herdada dos povos bantu, pois tem na sua resistência um caminho natural de (re)existência. A título de exemplo, o presente estudo trouxe um fenômeno vinculado, tanto à questão religiosa, como à biomédica.

O processo de racionalização dos seus membros conduziu à exposição e problematização de uma tríade comumente difundida pelo espiritismo kardecista, karma – merecimento – reencarnação, além da necessidade inegável da fé durante todo o processo. Todavia, pelo que pudemos apreender, especialmente, dos estudos de Fuki-Au, como maior divulgador da teologia *Bantu-Kongo*, os processos de desencadeamento e enfrentamento de doenças, bem como os tratamentos e repercussões destes na umbanda, obedecem à uma lógica cosmogônica de origem Bantu, e não meramente, influências de religiões massificadas e legitimadas pela branquitude, como forma de evolução.

Além disso, por reconhecerem as possibilidades de fragilidade do *muntu* por todas as suas encarnações, a validação da prática de cura independe do alcance da cura, mas reconhece, ainda assim, suas possibilidades de contribuir com o bem-estar e a qualidade de vida do doente, razão pela qual os profissionais de saúde precisam atentar para a importância da inclusão da espiritualidade, religiosidade e religião em seus modos de cuidado.

Por fim, pode-se destacar como contributo final deste estudo, o resgate étnico-cultural-religioso-histórico de constituição da Umbanda, sem a necessidade de defendê-la como certa e eficaz, concedendo espaço, visibilidade e respeito às comunidades que lhe integram. Além disso, assume-se que o caminho de combate às ações de apagamento, silenciamento, racismo e intolerância religiosa também perpassam o reconhecimento científico de seu valor e existência, tão plural e milenar. O caminho aqui escolhido foi o da saúde, ou melhor, práticas religiosas de cuidado em saúde, mas a intenção é que deste, outros mais se multipliquem em direção às “7ª direções” e às suas grandes potências, em si e para os outros.

Referências

- BARROS, Sullivan Charles. Religiosidade e resistência no Brasil: do encontro das religiões africanas à formação da Umbanda. In: SANTANDER, C. U.; ÁVILA, C. D.; DUARTE, A. G. (Orgs.). *Estudos sobre Direitos Humanos, Sociedade e Democracia*. São Paulo: UNIEURO, 2008.
- BASTIDE, Roger. *As Religiões Africanas No Brasil*. Contribuição a uma Sociologia das interpenetrações de civilizações. 3.ed. São Paulo: Pioneira, 1989.
- BRANDÃO, Juliana de Lima. A representação social das cirurgias espirituais na Umbanda para médiuns umbandistas do ritual bantu-ameríndio. 227f. [dissertação de mestrado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro], 2021.
- BRANDÃO, Juliana de Lima *et al.* A cultura do cuidado em saúde na Umbanda: reflexões baseadas nas Epistemologias do Sul. *Fragmentos de Cultura* (Goiânia), v. 32, n. 4, p. 631-644, 2022.
- ESPINHA, Daniele Corciole Mendes *et al.* Opinião dos estudantes de enfermagem sobre saúde, espiritualidade e religiosidade. *Revista Gaúcha de Enfermagem* (Porto Alegre), v. 34, p. 98-106, 2013.

- FU-KIAU, Kimbwandende Kia Bunseki. *African Cosmology of the Bantu-Kongo: Principles of Life and Living*. 2. ed. Nova Iorque: Athelia Henrietta Press Publishing, 2001.
- GOMES, Heloisa Helena Sucupira; DANTAS, Ivan Coelho; CATÃO, Maria Helena Chaves de Vasconcelos. Plantas medicinais: sua utilização nos terreiros de umbanda e candomblé na zona leste de cidade de Campina Grande-PB. *Biofar – Revista de Biologia e Farmácia* (Paraíba), v. 3, p. 110-129, 2008.
- GOMES, Antonio Marcos Tosoli. The Umbanda Terreiro As A Care Space: Some Reflections. *Revista Baiana de Enfermagem* (Salvador), v. 35, 2021a, e45202.
- GOMES, Antonio Marcos Tosoli. From spirituality to spiritual care through religion and religiosity: Concepts and challenges for nurses and health professionals. *Journal of Multiprofessional Health Research* (Salvador), v. 2, 2021b, 02.98-e02.101.
- GOMES, Antonio Marcos Tosoli *et al.* Espiritualidade e religiosidade para mulheres umbandistas e candomblecistas: representação social e implicações na saúde. *Ciência e Saúde Coletiva* (Rio de Janeiro), 2023.
- HADDOCK LOBO, Rafael. Aprendiz de feiticeiro. *Abatirá – Revista de Ciências Humanas e Linguagens* (Eunápolis), v. 2, p. 4-18, 2021.
- KAITEL, Alexandre Frank Silva; SILVEIRA, Luiz Henrique Lemos. The Development of Mediunity in Umbanda: a junguian comprehension. *Estudos de Religião* (São Bernardo do Campo), v. 35, p. 89-108, 2021.
- KOENIG, Harold George. *Medicina, religião e saúde: o encontro da ciência e da espiritualidade*. Porto Alegre: L&PM, 2012.
- KOENIG, Harold George; McCULLOUGH, Michael E.; LARSON, David B. *Handbook of religion and health*. New York: Oxford University Press, 2001.
- LAZARUS, Richard. S.; FOLKMAN, Susan. *Stress, appraisal and coping*. New York: Springer, 1984.
- LOPES, Nei. *Novo dicionário banto do Brasil: contendo mais de 250 propostas etimológicas acolhidas pelo Dicionário Houaiss*. Rio de Janeiro: Palas, 2003.
- LOPES, Nei. *Kitábu: o livro do saber e do espírito negro-africanos*. São Paulo: Senac, 2005.
- MACGAFFEY, Wyatt. *Religion and society in Central Africa: the Bakongo of Lower Zaire*. Chicago: University of Chicago Press, 1986.
- MACHADO, Sandra Maria Chaves. *Umbanda: ritos e saúde*. In: Anais do X Congresso Internacional em Ciências da Religião: Religião, Espiritualidade e Saúde: os sentidos do viver e do morrer. Pontifício Universidade Católica de Goiás, Goiânia, GO, 21 a 23 de outubro de 2020, p. 223-229.
- MEDEIROS, Cristiano Sant’Anna de; SILVA, Isadora Souza da. A matripotência nos terreiros de candomblés pelas mãos das Makotas. *Problemata* (João Pessoa), v. 11, p. 5-19, 2020.
- MELO, Cynthia de Freitas et al. “Correlação entre religiosidade, espiritualidade e qualidade de vida: uma revisão de literatura.” *Estudos e Pesquisas em Psicologia* (Rio de Janeiro), v. 15, p. 447-467, 2015.
- NEGRÃO, Lísias Nogueira. *Entre a cruz e a encruzilhada: formação do campo umbandista em São Paulo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.
- NWORA, Emmanuel Ifeka; FREITAS, Marta Helena de. Relações entre religiosidade e saúde mental na concepção de capelães. *REVER* (São Paulo), v. 20, p. 199-217, 2020.

- ORTIZ, Renato. *A morte branca do feiticeiro negro: umbanda e sociedade brasileira*. 2. ed. Brasiliense, 1999.
- PARGAMENT, Kenneth. I. *The psychology of religion and coping: theory, research, practice*. New York: Guilford Press, 1997.
- RAMOS, Arthur. *O negro brasileiro: ethnographia religiosa e psicanalyse*. Rio de Janeiro: Imprensa Paulista, 1934.
- REZENDE, Livia Lima. Enxergando os mortos com os ouvidos: a reelaboração da memória da escravidão por meio da figura umbandista dos pretos-velhos. *Afro-Ásia* (Salvador), n. 57, p. 55-80, 2018.
- SANTOS, Tiganá Santana Neves. *A cosmologia africana dos bantu-kongo por Bunseki Fu-Kiau: tradução negra, reflexões e diálogos a partir do Brasil*. 2019. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.
- SILVA, Maria Lúcia Miranda *et al.* Análise e validação do conceito de espiritualidade e sua aplicabilidade no cuidado em saúde. *Ciencia y Enfermería* (Concepción), v 27, p. 1-13, 2021.
- SILVA, Luciana Macedo Ferreira; SCORSOLINI-COMIN, Fabio. A umbanda e os processos de saúde-doença. *Semina: Ciências Sociais e Humanas* (Londrina), v. 41, p. 215-228, 2020.
- SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. *Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas*. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.
- SOUSA, Yuri Sá Oliveira. The use of the Iramuteq software: fundamentals of lexicometry for qualitative research. *Estudos e Pesquisas em Psicologia* (Rio de Janeiro), v. 21, p. 1541-1560, 2021.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Department of Mantal Health. *WHOQOL and Spirituality, Religiousness and Personal Beliefs (SRPB)*. Report on WHO Consultation, 1998. p. 2-23. Disponível em: https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/70897/WHO_MSA_MHP_98.2_eng.pdf?sequence=1&isAllowed=y

Submetido em: 01/08/2023

Aprovado em: 17/11/2023